



# Winnicott e Henry: diálogos sobre a vida e a clínica<sup>1</sup>

Winnicott and Henry: dialogues about life and clinic

Gillianno José Mazzetto de Castro<sup>2</sup>

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo promover um diálogo entre o pensamento de Winnicott e o de Henry pensando como esta aproximação contribui no processo de entendimento e operacionalização do pensamento de Henry na clínica, bem como enriquecer o arcabouço fenomenológico proposto indiretamente por Winnicott. Esta construção se estrutura como uma revisão narrativa de caráter fenomenológico. Como resultado nota-se que, ao se ler alguns pontos da teoria de Henry em diálogo com Winnicott, percebemos um enriquecimento no que toca ao conceito de prova de si, encarnação, dupla aparição e imanência, bem como uma ampliação daquilo que se entende como desdobramentos para uma clínica psicológica reposicionada pela fenomenologia da vida.

**Palavras-chave:** Winnicott, Henry, Fenomenologia, Clínica.

**Abstract:** This article aims to promote a dialogue between the thinking of Winnicott and Henry, thinking about how this approach can contribute to the process of understanding and applying Henry's thinking in the clinic, as well as enriching the phenomenological framework proposed by Winnicott. This construction is structured as a phenomenological narrative review. As a result, it can be noted that when reading some points of Henry's theory under Winnicott's lens, one can see an enrichment regarding the concept of self-proof, incarnation, double appearance and immanence, as well as an expansion of what can be understood as unfolding for a phenomenologically inspired psychological clinic.

**Keywords:** Winnicott, Henry, Phenomenology, Clinic.

## Introdução

Refletir sobre a relação e a influência do pensamento existencial e fenomenológico na proposta psicanalítica de Winnicott é terreno explorado por alguns autores no campo da

---

<sup>1</sup> Recebido em 30 de setembro de 2022. Aceito em 12 de janeiro de 2023 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Filósofo, mestre e doutor em Psicologia, pós-doutorando em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP. E-mail: gillianno@gmail.com

<sup>3</sup> Psicólogo, mestrado, doutorado e pós-doutorado em Ciências pelo Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo/SP. Livre-Docência em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: antunez@usp.br



psicologia<sup>4</sup>. Este é um cenário importante a ser considerado para aquilo que será exposto, à luz da perspectiva de que “cada existência é originalmente uma coexistência (Mit-dasein) que desvela um espaço psíquico ou vivido (erlebt) que é, pois, o mundo que se tem em comum (Mit-welt)”<sup>5</sup>.

É, portanto, a partir de um horizonte compreensivo que esta reflexão se estruturará. Intencionamos entender como algumas propostas de Winnicott podem contribuir no processo de concretização de alguns elementos do pensamento henriano da fenomenologia da vida, principalmente visando a operacionalidade deles nas práticas clínicas em psicologia.

Com isso, tem-se como objetivo promover aproximações, considerando as peculiaridades intrínsecas do pensamento destes autores, bem como as particularidades inerentes aos interlocutores que com eles dialogaram.

Como ponto de partida estabelecemos um recorte de conceitos definiremos em quais períodos do desenvolvimento serão feitas as aproximações. Isto é necessário, pois, diferentemente de Michel Henry, que possui textos sistemáticos da sua proposta filosófica<sup>6</sup>, em Winnicott, em geral, os leitores se deparam com conteúdos e construções feitas sob a forma de conferências e artigos que foram ganhando modificações, evoluções e estilos diferentes<sup>7</sup>.

- 
- <sup>4</sup> Sobre este tema confrontar: FULGENCIO, L. Apontamentos para uma análise da influência do existencialismo moderno na obra de Winnicott. *Ciência e Cultura*, v. 67, n. 1, p. 36-39, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000100013>; SAFRA, G. A clínica em Winnicott. *Natureza Humana*, v. 1, n. 1, p. 91-101. 1999. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151724301999000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724301999000100006&lng=pt&tlng=pt). Acessado em: 13 jun. 2022; SANTOS, E. S. D. W. Winnicott: instigações a uma fenomenologia existencial. In: *Phenomenology: Selected Essays from Latin America. Part 2*. 2007. p. 527-557. Disponível em: [https://doi.org/10.7761/9789738863316\\_9](https://doi.org/10.7761/9789738863316_9); FULGENCIO, L. Pode a psicanálise de Winnicott ser a realização de um projeto de psicologia científica de orientação fenomenológica? *Psicologia USP* [online], v. 29, n. 2, p. 303-313, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420170048>. Acessado em: 13 jun. 2022. ISSN 1678-5177; OLIVEIRA, A. L.; ANTÚNEZ, A. E. A. A fenomenologia dos afetos de Michel Henry como fundamento para o surgimento do espaço potencial de Donald Winnicott. In: ANTÚNEZ, A. E. A. (ed.). *Cadernos 1: Círculo fenomenológico da vida e da clínica*. São Paulo: USP, 2018. p. 135-145. OLIVEIRA, A. L. *A afetividade fundamental: um diálogo entre Michel Henry e Donald Winnicott*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.47.2021.tde-12082021-165601. Disponível em: [www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br). Acessado em: 13 jun. 2022.
- <sup>5</sup> GALIMBERTI, U. *La casa di psique: Dalla psicoanalisi alla pratica filosofica*. Milano: Feltrinelli, 2008. Opere XVI, p. 382.
- <sup>6</sup> HENRY, M. *Généalogie de la psychanalyse: le commencement perdu*. Paris: PUF, 1985; HENRY, M. *L'essence de la manifestation*. Paris: PUF, 2011; HENRY, M. *Incarnation: Une philosophie de la chair*. Paris: Seuil, 1998.
- <sup>7</sup> WINNICOTT, W. D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975; WINNICOTT, W. D. *Home is where we start from*. London: Penguin Books, 1986; WINNICOTT, W. D. *The psychology of madness: A contribution from psycho-analysis*. London: Karnac Books, 1989; DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003; MOUSTAKAS, C. *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage, 1994



Os objetivos deste estudo são: (I) explorar o conceito de saúde e a sua possível aproximação à categoria henriana de *épreuve de soi* (provar-se a si mesmo); (II) discutir o conceito de integração e personalização aproximando-o do de encarnação e de ressonância no e pelo ambiente suficientemente bom; (III) ponderar o conceito de dupla aparição de Henry e pensá-lo dentro do horizonte do processo de constituição das psicoses e das neuroses em Winnicott.

Com isso, avançamos em direção a uma reflexão sobre a clínica por meio da fenomenologia da vida que possa contribuir para ampliar a compreensão da ação clínica. Trata-se de uma articulação de conceitos de Winnicott e Henry por meio de uma análise sob a forma de revisão narrativa de literatura que, valendo-se de textos de Winnicott e Henry, buscará fazer uma análise fenomenológica de caráter compreensivo.

### **Para além do binário saúde-doença: primeiro diálogo**

Um fator importante quando pensamos no processo de saúde ou sofrimento mental é clarificar a partir de qual conceito estamos operando quando tratamos sobre estes temas.

Ao refletir sobre o conceito de saúde, há ainda uma forte tendência a pensá-la a partir do paradigma biológico e biomecânico, ou seja, é comum conceber este fenômeno à luz das categorias de bom funcionamento ou até mesmo de harmonia das partes, o que, em si, já denuncia um processo no qual o binômio saúde e doença opera de maneira quase conjugada<sup>8</sup>.

Este é um modelo que também foi adotado na tradição psicológica, principalmente pela influência do positivismo e do mecanicismo dos séculos XVIII e XIX europeus. As características que a psique humana ganha com Freud para quem, o funcionamento da psique humana é concebido a partir de critérios mecânicos e sistêmicos<sup>9</sup>, são um exemplo. Sabemos também que tais concepções sofreram influência de pensamentos como os de Descartes<sup>10</sup>, La Mettrie<sup>11</sup> Kant<sup>12</sup>.

Contudo, o conceito de que Winnicott parte para refletir sobre saúde mostra que “A vida de um indivíduo não se caracteriza mais por medos, sentimentos conflitantes, dúvidas, frustrações do

---

<sup>8</sup> LEFÈVRE, F. *O medicamento como mercadoria simbólica*. São Paulo: Cortez, 1991.

<sup>9</sup> FIGUEIREDO, R. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes 1991; GOMÉZ, A. A. A. Freud y la filosofía: precedentes de una ambivalencia fundamental. *Revista Thémata*, n. 63. p. 174-202, 2021. DOI: 10.12795/themata.2021.i63.10.

<sup>10</sup> DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

<sup>11</sup> LA METTRIE, J. O. *O homem máquina*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

<sup>12</sup> KANT, I. *Antropologia do ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.



que por seus aspectos positivos”<sup>13</sup>; e ainda, “O essencial é que o homem ou a mulher se sintam *vivendo sua própria vida*, responsabilizando-se por suas ações ou inações, sentindo-se capazes de atribuírem a si o mérito de um sucesso ou a responsabilidade de um fracasso”<sup>14</sup>; e complementando alhures: “A continuidade do ser significa saúde”<sup>15</sup>.

Partindo destas referências, notamos algumas particularidades e diferenças importantes quando pensamos este conceito. A primeira delas é que a ideia de saúde não está, *stricto sensu*, ligada à de patologia, mas sim a categorias como *desenvolvimento* e *integração* com a vida. Discorrendo sobre isso, comenta Winnicott<sup>16</sup>:

Grande parte da vida saudável está associada a várias modalidades de relações de objeto e a um processo de ‘vaivém’ entre a relação com objetos internos e externos. Trata-se de uma questão de fruição plena dos relacionamentos interpessoais, mas os resíduos da relação criativa não se perdem, o que faz com que cada aspecto da relação de objeto seja excitante. A saúde inclui a ideia de um formigamento da vida e da magia da intimidade.

Nesta passagem, Winnicott apresenta um ponto importante na sua reflexão sobre este conceito, isto é, saúde significa habitação, alojamento da vida dentro do si mesmo, ou, valendo-se de uma expressão de Henry<sup>17</sup>, provar-se a si mesmo. Em outro momento, Winnicott afirma que “Ser e sentir-se real dizem respeito essencialmente à saúde, e só se garantirmos o ser é que poderemos partir para coisas mais objetivas”<sup>18</sup>.

Desta forma, uma pessoa saudável é aquela que alcançou um processo de integração satisfatório dentro de um determinado fluxo de amadurecimento e, por isso, é capaz de lidar com as eventualidades inerentes e proporcionais a esta fase.

Considerando isto, o processo de maturação acontece em movimento de constituir-se como pessoa, ou se estabelece como *self verdadeiro*; já o sujeito que não consegue integrar-se, inconscientemente, cria um *falso self*, no caso de neurose ou um *self inconsistente* no caso da psicose.

Isto traz como consequência o aparecimento de rachaduras ou cisões no ser. Se estas se dão nos processos iniciais do desenvolvimento, antes da triangulação edípica nascem as psicoses, como afirma Winnicott<sup>19</sup>: “A psicose pode ser vista como doença que tem mais a ver com as experiências

<sup>13</sup> WINNICOTT, 1986, p. 10.

<sup>14</sup> Ibid., p. 10.

<sup>15</sup> Ibid., p. 148.

<sup>16</sup> WINNICOTT, W. D. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 33.

<sup>17</sup> HENRY, 1998.

<sup>18</sup> WINNICOTT, 2021, p. 38.

<sup>19</sup> WINNICOTT, W. D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 197.



nas fases mais precoces do que com as tensões ao nível dos relacionamentos interpessoais que levam às defesas repressivas”. A psicose é entendida como decorrente de uma falha ambiental.

Por sua vez, quando o *self* já está formado e envolvido com o seu mundo nos processos interpessoais, os processos de surgimento de fendas ou de integração não completa produzem a neurose. Afirmo Winnicott<sup>20</sup>: “Neurose é o termo empregado para descrever a doença das pessoas que ficam doentes no estágio do complexo de Édipo, no estágio de experimentar relacionamento entre três pessoas totais”.

Um outro fator importante do conceito de saúde proposto por Winnicott é que ele aponta para um elemento nodal para o pensamento fenomenológico e existencial, a saber, que o ser humano, para tornar-se pessoa e poder ser adjetivado como humano, precisa passar por um processo de integração e desenvolvimento.

Em Winnicott, este processo é constituído por fases que vão desde a dependência absoluta, nas quais não há diferença entre si mesmo e o outro ou ainda entre externo e interno, para uma fase de dependência relativa na qual o *ego* começa a se constituir, até uma fase de independência relativa na qual o sujeito, já constituído e integrado, é capaz de viver a sua vida.

Este é um outro ponto importante para se pensar a saúde. Originalmente, nas primeiras fases do desenvolvimento, seja na vida intrauterina ou na primeira infância, o primeiro esforço é de se tornar um eu vivo na vida, isto é, um ser capaz de se reconhecer no processo de integração dentro de um ambiente com os outros. “Primeiro Sou, depois Sou-com, depois Sou-diferente-de e, por fim, Eu Sou x (com x sendo um predicado do eu). Quando é conquistado o status de ser uma pessoa inteira, também se conquista a possibilidade de predicar o eu”<sup>21</sup>.

Ponderando tal realidade a partir do pensamento de Henry, principalmente à luz de textos como “Encarnação: uma filosofia da carne”<sup>22</sup> e “Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaios sobre a ontologia biraniana”<sup>23</sup>, percebemos uma afinidade quanto a este tema. A primeira delas é com relação ao processo de constituição do humano. Como diz Henry<sup>24</sup>:

---

<sup>20</sup> WINNICOTT, 2007, p. 197.

<sup>21</sup> FULGENCIO, L. *A psicanálise de Winnicott como uma teoria do desenvolvimento socioemocional do ser*. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 24.

<sup>22</sup> HENRY, 1998.

<sup>23</sup> HENRY, M. *Philosophie et phénoménologie du corps*. :Essai sur l’ontologie biranienne. Paris: PUF, 1965.

<sup>24</sup> HENRY, M. *C’est moi la vérité* : pour une philosophie du christianisme. Paris: Seuil, 1996b. p. 178.



Quando a relação dos viventes na condição de acontecer ‘inconscientemente’, ou seja, na imediação da vida, como que puro afeto, se faz pela mediação do mundo; quando os viventes se percebem, se representam, e se pensam cada um como ego ou como um *alter-ego*, uma nova dimensão da experiência nasce e deve ser descrita segundo as suas próprias características.

Nesta passagem, Michel Henry, assim como Winnicott, faz notar uma realidade primitiva da constituição que não é representativa ou egoica, mas sim afetiva. Este “acontecer inconscientemente” na imediação da vida apresentado por Henry pode ser compreendido quando colocamos tais categorias próximas a conceitos do pensamento de Winnicott, principalmente a sua reflexão sobre as características e fases da vida pré-edípica. De acordo com Henry<sup>25</sup>, “nunca é do ego que se deve partir; a intersubjetividade não é uma relação entre “ego(s)”. Todo o “ego” pressupõe nele um Si transcendental– O do outro assim como o meu – é gerado no processo de autogeração da Vida Absoluta, no Primeiro Si no qual ela se prova e frui a Si Mesma, então é o processo que é primeiro”.

Em um texto intitulado: “A integração do ego no desenvolvimento da criança”, de 1962, Winnicott<sup>26</sup> desenvolve a sua teoria do *self* e busca demonstrar as precondições para o seu aparecimento. Notamos que o *self* é fruto de um processo de interação da criança com a própria mãe e depois se expande para o restante do mundo externo e consigo mesma, por meio do surgimento da noção de tempo e espaço.

A categoria usada por Winnicott<sup>27</sup> para caracterizar este processo é a de *integração*, que se dá por meio de três etapas: 1<sup>a</sup> – A integração no tempo e no espaço, na qual a consciência temporal e espacial aos poucos emerge; 2<sup>a</sup> – A personalização, na qual começa a relação entre psique e corpo de tal forma que originalmente não se pode falar desta distinção, pois o ego se baseia intrinsecamente em uma estrutura simpático-corpórea; 3<sup>a</sup> – A capacidade de criar relações objetais. É nesta fase que surge o terceiro na relação e se pode iniciar o processo de uma relação edípica.

Pensando tais categorias à luz de Henry, é possível perceber que as fases de integração originais encontram o seu sentido em uma relação simpático-afetiva original de pertencimento a uma vida que, muito antes de uma diferenciação no núcleo da identidade, se assenta sobre um

---

<sup>25</sup> HENRY, M. Prefácio. In: MARTINS, F. *Recuperar o humanismo: para uma fenomenologia da alteridade* em Michel Henry. Cascais: Principia, 2002. p. 8.

<sup>26</sup> WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, D. W. (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 55-61.

<sup>27</sup> WINNICOTT, 1983.



pertencimento afetivo no qual o eu e o outro ainda não se distinguem completamente. Martins<sup>28</sup> sublinha que, para Henry, *a vida comunitária é um a priori*, o eu é, “como eu, doado a si, no mesmo fundo da vida ou na mesma fonte. Assim o *pathos* comunitário é sempre *pathos-com*. E o vínculo afetivo é sentir que outrem sente por mim carinho ou ódio”.

Nesta fase, segundo Winnicott, o mundo externo nada mais é do que um objeto subjetivo. Esta é uma posição próxima à de Henry, que, no tocante à relação entre vida e sofrimento, comenta: “A força daquilo que originalmente adere a si, na união edificadora do ser, a força da afetividade e do sentimento, é aquilo que o sofrimento tem a cargo antes de ser o peso da sua tonalidade própria”<sup>29</sup>.

Nestes contextos mais originais, nos quais a psique vai se constituindo no fluxo do seu processo de *integração*, *não integração* ou *desintegração*<sup>30</sup>, podemos encontrar um elo importante para alguns pontos do processo de instalação da vida em si enunciados por Henry.

Henry<sup>31</sup> manifesta o *toucher*, tocar a vida do outro como expressão constituinte da cultura e da sexualidade, porém, se radicalizarmos esse “tocar”, vamos perceber que, antes do processo de constituição da cultura e da própria sexualidade como reconhecimento de um externo pelo sujeito, existe uma realidade mais constitutiva que aprofunda e enriquece originalmente aquilo a que ele aponta, a saber: a relação com o outro dá-se originariamente como afeto!

Ora, considerando o que Winnicott<sup>32</sup> afirma sobre o processo de integração do *self*, principalmente na segunda fase, a *personalização*, a pele desponta como “o limite entre o eu e o não-eu. Dito de outro modo, a psique começa a viver no *soma* e uma vida psicossomática de um indivíduo se inicia”. Este é o ato constitutivo sobre o qual se apoia o *toucher*, tocar, o outro sob a forma de cultura e sexualidade.

Desta forma, o “tocar” não se organiza apenas em um ato mecânico de encontro tátil; o fato de “tocar” supõe uma estrutura da percepção capaz de reconhecer um outro, não como objeto subjetivo, mas sim como exterioridade. Dentro da ideia de “tocar” está concebida a de viver tal como descreve Winnicott<sup>33</sup>: “A expressão ‘viver com’ implica relações objetais, e a emergência do

---

<sup>28</sup> MARTINS, F. *Estátuas de anjos: para uma fenomenologia da vida e da clínica*. Lisboa: Edições Colibri, 2017. p. 97.

<sup>29</sup> HENRY, M. *Phénoménologie matérielle*. Paris: PUF, 1990. p. 840.

<sup>30</sup> WINNICOTT, 1983.

<sup>31</sup> HENRY, 1998.

<sup>32</sup> WINNICOTT, 1983, p. 60.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 44.





lactente da condição de estar fundido com a mãe, e sua percepção dos objetos como externos a ele próprio”.

Contudo, o *toucher* de Henry também possui um outro aspecto, pois ele está apoiado no duplo aparecer. Esta categoria surge para aprofundar um dos elementos fundamentais da reflexão fenomenológica, escola à qual ele pertence, a saber, a teoria do acesso e a radicalidade da mostraçã do fenômeno.

Para Henry, todo o fenômeno se apresenta por meio de níveis ou camadas de mostraçã, de tal forma que a realidade não é evidente em si mesma, ainda que seja evidente e imanente dentro dos seus atos constitutivos.

Isto produz como resultado que, para acessá-la, é preciso estabelecer e pensar níveis de aparição ou mostraçã dos fenômenos. No caso da experiência humana, é preciso entender que, para além do dado objetal ou daquilo que é o fenômeno constitutivo da experiência de ser consciência sob a forma de *ego*, há uma outra camada que se apresenta como mais antiga e, portanto, original, que faz emergir a dimensão afetivo-estético-ética desta experiência. Estética é aqui entendida como *aisthesis*, isto é, estrutura que permite a percepção e a interação afetivo-empática com o mundo e com os seus objetos.

Sobre a vida comum ou sobre o *co-pathos* comenta Henry<sup>34</sup>: “Dessa forma, a vida fenomenológica absoluta é ela mesma em todos os viventes; e é essa identidade que faz a sua unidade, a sua pertença a um corpo místico para além da diferença de todos e suas respectivas diversidades”. Esta é a condição da ética e também da religião enquanto experiência transcendente<sup>35</sup>, o fato de existir uma vinculação original e não um acordo de múltipla tolerância como, por exemplo, no modelo de Hobbes<sup>36</sup>.

Pensando tal realidade na prática clínica, é possível notar algumas implicações e derivações. A primeira delas é que o processo de integração e de tornar-se pessoa é o que caracteriza o fato de ser um indivíduo psicologicamente saudável ou não, salvo condições que tenham preponderância e sejam determinadas por fatores biológicos e/ou ambientais.

<sup>34</sup> HENRY, M. *Auto-donation*. Paris: Beauchesne, 2004. p. 136.

<sup>35</sup> GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia da religião de Michel Henry: um estudo a partir da fenomenologia do nascimento. *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea*, v. VIII, n. 1-2, 2020. ISSN 2282-4219 .

<sup>36</sup> HOBBS, T. *Leviathan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.





Tal realidade implica que dentro da ideia de saúde exista também uma de ética, pois estar integrado consigo supõe estar aberto e consciente do outro e de outrem. Uma segunda derivação toca o fundamento mesmo da experiência humana e pode ser expressa na seguinte sentença: o ser humano só é capaz de se singularizar por meio e com o auxílio dos outros.

Esta segunda derivação encontra um singular eco em Winnicott dentro de categorias como: *mãe suficientemente boa, ambiente, holding, ego auxiliar*. Porém, um ponto importante desta segunda derivação parece ficar mais evidente quando pensamos nas psicopatologias decorrentes do resultado não exitoso destas fases.

Por exemplo, quando não há uma integração da psique no corpo, isto pode desencadear doenças psicossomáticas, como afirma Winnicott<sup>37</sup>: “Em alguns casos as doenças psicossomáticas podem ser uma estratégia do corpo para não permitir a perda da união psicossomática e a despersonalização”, ou ainda, pode resultar em psicoses, caso a pessoa não seja capaz de chegar à fase da triangulação edípica. Sobre o *holding*, comenta Winnicott:

[...] é utilizado aqui para significar não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de viver com. Em outras palavras, se refere à relação espacial ou em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado.<sup>38</sup>

Winnicott nos oferece algumas informações importantes para se pensar o processo de constituição da vida psíquica. O primeiro deles é que singularizar-se é um processo de construção, ou, valendo-se de uma expressão henriana, de instalação da vida em si mesmo.

Poderia parecer que há uma contradição *in radice* entre o pensamento de Henry e o de Winnicott quanto à constituição ou “instalação” da vida. E de fato há, já que Winnicott se ancora no pensamento ocidental que foi se construindo nele em um emaranhado de experiências pediátricas, psiquiátricas e psicanalíticas; já Michel Henry propõe uma perspectiva de uma fenomenologia não intencional, cuja vida inconsciente, à qual Winnicott adere, para Henry é o nome da vida, vida que não tem nada de inconsciente, pois se sente em totalidade. Mas a Vida lá está, seja na perspectiva de Winnicott ou principalmente na de Henry.

Por este motivo, aprofundar tal questão por meio de um recuo ao fundamento que tem por objetivo analisar qual o núcleo da questão que está sendo discutida é importante. Este caminho

---

<sup>37</sup> WINNICOTT, 1983, p. 60.

<sup>38</sup> Ibid, p. 44.



pode ser feito por meio da distinção que o pensamento de Henry faz sobre duas categorias, a de corpo subjetivo e a de imanência.

O primeiro passo a se dar neste caminho é a crítica que Henry faz à ciência e filosofia que transformou e pensou a vida humana à luz da categoria de corpo objetivo, que, em si, busca enfatizar “a estrutura orgânica, a configuração estática e estritamente funcional ou quantificável do corpo”<sup>39</sup>.

Tal concepção compromete o entendimento do processo de constituição de vida, bem como o processo de constituição da identidade e do *ego* quando visto dentro do caminho de desenvolvimento humano. Como apresenta Henry<sup>40</sup>, o sujeito, para ser vivo não pode ser considerado como

puro pensamento cuja essência se esgota no conhecimento da extensão e na contemplação das coisas, ele parece agora identificado com a ação, por meio da qual eu modifico incessantemente o mundo, mesmo que fosse apenas para tornar possível, nele, a continuação de minha própria existência.<sup>41</sup>

Nesta passagem nota-se um ponto de virada que contribui para o entendimento de como se dá o processo de instalação e desenvolvimento da vida. Pois o *ego* aqui não é mais tomado como capacidade objetiva de interação consigo e com o mundo, mas como uma estrutura subjetiva e viva que, por estar entrelaçada com o corpo de maneira indissociável, produz um movimento de provar-se na vida como tal. Este é o núcleo da imanência e o fundamento daquilo que Henry<sup>42</sup> nomeará como carne.

É a carne, como núcleo indissociável da relação entre vida e *ego*, que vai produzir na experiência a imanência vivida sob a forma de sofrimento e gozo. Contudo, não é apenas o dado da imanência que desvela o núcleo da condição humana original e o ponto de contato entre o pensamento de Henry e o de Winnicott a partir de níveis constitutivos.

Somando-se a isso, o pensamento henriano radicaliza esta relação entre vida e *ego* por meio de uma expressão que, em muitos sentidos, pode soar enigmática, a saber: “a imanência pode ser entendida como essencialmente afetada por algo como impotência, pela impossibilidade”<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup> DEPRAZ, N. La traduction de Leib, une crux Phaenomenologica. In: HUSSERL, E. *Sur l'intersubjectivité I*. Paris: Épipiméthée, 2011. p. 386-387.

<sup>40</sup> HENRY, M. *Barbárie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

<sup>41</sup> Ibid., p. 70.

<sup>42</sup> HENRY, 1998.

<sup>43</sup> HENRY, 1990, p. 419.



Afirmção que, inicialmente, pode causar estranhamento, mas que tem o seu cerne em uma constatação primordial de que somos impotentes e impossibilitados frente ao nosso ser, isto é, somos dependentes.

O processo de desenvolvimento emocional segundo Winnicott se caracteriza por um caminho de crescimento rumo à independência relativa, entre duas impossibilidades, a do não-ser que antecede a vida e a do não-ser que culmina com a morte.

Ao observarmos a categoria de personalização em Winnicott<sup>44</sup> definida como: “uma palavra que pode ser empregada para descrever a conquista de uma relação íntima entre a psique e o corpo”, podemos notar uma aproximação a aquilo que o pensamento Henriano vai propor como prova de si por meio da conquista do corpo subjetivo. Na linguagem de Henry<sup>45</sup> (2012), poderia ser expresso da seguinte maneira: “sentir o mundo é a própria experiência que tenho de minha subjetividade, que é dada apenas a mim na experiência interna transcendental do ser originariamente subjetivo do meu corpo”.

Esta relação traz desdobramentos para a prática clínica, principalmente se considerarmos as categorias de personalização e a de *self* verdadeiro em Winnicott. Ora, se o processo de personalização, seja ele parcial ou total, não estiver em conformidade com o estágio de amadurecimento do indivíduo, este não encontrará as condições para constituir-se como uma unidade, ou como um *self* verdadeiro, o que implica também não fazer a experiência de possuir um corpo subjetivo, pois um *self* não verdadeiramente integrado implica uma subjetividade que não é imanente a si mesma e, portanto, precisa criar mecanismos de projeção e transcendência que a transformam em um objeto dela mesma, isto é, uma presença analógica ou corpo objetivo.

Este processo não é apenas fruto de um movimento do indivíduo, mas de um caminho interativo com o meio e com outros seres. Daí a necessidade do ambiente para a constituição do *viver com*, no caso do Winnicott, e do *co-pathos*, no caso de Henry, pois, como afirma Winnicott:

Quando (o bebê) não encontra espaço (ambiente) suficientemente bom para a integração ocorre o processo de não integração. Dentro de ambientes inconstantes o bebê pode produzir, como defesa, um processo de desintegração<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> WINNICOTT, 2007. p. 201

<sup>45</sup> HENRY, 2012. p. 134

<sup>46</sup> WINNICOTT, 2007, p.56



Para a fenomenologia da vida “o bebê faz prova de si muito antes de se sentir a si mesmo sensível a isto ou àquilo. Antes da abertura ao mundo o bebê abre-se à vida<sup>47</sup>. Considerando isso o processo terapêutico passar a ser o espaço, ambiente, que permite ao indivíduo viver a experiência de, aos poucos, ir constituindo-se como corpo subjetivo em um processo de passar do não integrado para o integrado dentro do estágio de desenvolvimento que o indivíduo se encontra. Assim, retomamos o conceito de saúde, que passa a ser o processo de consolidação de uma subjetividade encarnada capaz de, por meio de um caminho de desenvolvimento, constituir o seu *self* verdadeiro.

Em Winnicott, este não é só o fundamento da saúde, mas de toda a vida comum em sociedade<sup>48</sup>, pois, como ele propõe: “Se saúde é maturidade, então imaturidade de qualquer espécie é saúde mental deficiente, sendo uma ameaça ao indivíduo e uma perda para a sociedade”<sup>49</sup>. Desta forma, a constituição do corpo subjetivo parece trazer em seu núcleo um processo de desenvolvimento que possibilita uma instalação, pois, como comenta Henry, “a relação original do ser com o *soi* significa, desde então, não simplesmente e em geral a impossibilidade da excedência, mas, para ser, a impossibilidade de se exceder *soi-même*”<sup>50</sup>. Assim, não podemos nos afastar da vida em nós, pois em afetos somos constituídos.

A imanência absoluta do *soi-même*, que, à luz do pensamento de Henry, para ser, deve considerar a impossibilidade de se exceder, abre espaço para uma condição intrínseca e importante que orbita o fato do processo de desenvolvimento e amadurecimento ser entendido como um caminho de enriquecimento do mundo subjetivo, isto é, de constituição e desenvolvimento de uma vida encarnada sob a forma de individualidade que, por estar originalmente entrelaçada no modo do *co-pathos*, pode se constituir como *self* verdadeiro, na linguagem de Winnicott, ou vida encarnada, na linguagem de Henry.

Feita esta digressão, é possível passar ao segundo ponto que lhe é congênere. A categoria de *provisão ambiental total* sinaliza para o fato de que o processo de reconhecer a possibilidade do outro

---

<sup>47</sup> MARTINS, 2017. p. 88

<sup>48</sup> Aqui é possível ver um outro ponto de avanço entre Winnicott e Henry, principalmente à luz daquilo que na segunda edição francesa da *Filosofia e Fenomenologia do corpo*, Henry chama de vida material do sujeito. Ali ele afirma: “O leitor que tiver a paciência de me seguir até a conclusão descobrirá, especialmente, o projeto de uma reinterpretação do pensamento de Marx à luz da filosofia do corpo, que o autor dos *Grundrisse* chama, em muitas ocasiões, ‘subjetividade’” (2012, p. 8).

<sup>49</sup> WINNICOTT, 2017, p. 63.

<sup>50</sup> HENRY, 2011, p. 419.



só é possível quando este já está presente, de maneira afetiva e efetiva, na vida do indivíduo. Antes de *viver com*, o sujeito tem necessidade de ser auxiliado, acompanhado, *amparado por*. Aqui habita o fundamento da ética dentro desta perspectiva winnicottiana, entendida como capacidade de cuidar.

Quando isso não acontece, pode surgir na vida adulta aquilo que Henry denominou de doenças da vida. Afirmo ele: “Nós estamos começando a entender melhor que a negação da vida é precisamente um modo dessa vida. Isso significa que essa negação é experienciada como tal. Não é um puro esquecimento, mas uma deliberada intenção”<sup>51</sup>.

Essa negação da condição original ou da vida pode ser vista, já na tenra idade, por meio dos processos de desintegração, que, conforme o pensamento de Winnicott, acontecem “Quando (a criança) não encontra espaço (ambiente) suficientemente bom para a integração ocorre o processo de não integração. Dentro de ambientes inconstantes o bebê pode produzir, como defesa, um processo de desintegração”<sup>52</sup>.

Desta forma, Winnicott sinaliza para um fato importante que se dá na vida mesma que, para evitar sucumbir, adoece, se desintegra. Um outro elemento deste processo pode ser notado quando olhamos para o processo terapêutico. Ora, se há uma relação intrínseca entre a constituição da experiência de mundo e a integração para tornar-se pessoa, o processo terapêutico pode caracterizar-se como um espaço de reconstrução da imanência, ou do ambiente de suporte necessário para esta integração<sup>53</sup>.

Como propõe Winnicott, “As mudanças ocorrem na análise quando os fatores traumáticos entram no material psicanalítico no jeito próprio do paciente, e dentro da inapetência do mesmo”<sup>54</sup>, de tal forma que se o analista não tiver consistência para servir de ego auxiliar, de ambiente facilitador, o processo de tratamento pode não acontecer. Feito isso, é chegado o momento de fazer um outro movimento, que consiste em pensar o *épreuve de soi*, o provar-se a si mesmo, no mundo com os outros.

---

<sup>51</sup> HENRY, 2012, p. 64.

<sup>52</sup> WINNICOTT, 1983, p. 60.

<sup>53</sup> ANTÚNEZ, A. E. A. *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: Humanologia*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

<sup>54</sup> WINNICOTT, 1983, p. 38.



## *Épreuve de soi*

A categoria de *épreuve de soi*, provar-se a si mesmo, é um dos núcleos constitutivos da proposta de Henry no que toca à constituição da dimensão afetiva.

Desta forma, o provar-se a si mesmo envolve a constituição da pessoa, o processo de desenvolvimento e as suas consequências clínicas. Quanto à constituição, para provar-se a si mesmo é necessário que haja um si mesmo, e isso não é óbvio nem um a fortiori. Tanto Henry quanto Winnicott chamam a atenção para o fato de que a experiência de ser, muito embora seja imanente e não excedente, precisa ser radicalmente esclarecida e aprimorada para que, de fato, possa se constituir como uma experiência verdadeira de personalização (Winnicott) ou de encarnação (Henry).

No romance *O cadáver indiscreto*, Henry apresenta a ausência de vida do corpo objetivo, que se apresenta como questionamento ético sobre a privação da ressonância presente na sociedade ou no grupo humano no qual aquele cadáver aparece. Ali, o cadáver, muito mais do que morto, é fruto de um processo de desencarnação ambiental. Nele não há mais ressonância e *épreuve de soi* porque ele já não mais prova de si mesmo e, principalmente não é mais um *co-pathos* com a comunidade.

Por sua vez, em *A barbárie*, o fenômeno da perda de ressonância e da desinstalação do processo de provar-se a si mesmo se dá sob a forma de esquecimento e objetivação. Essa mensagem reaparece, sob outra linguagem, em obras como *A genealogia da psicanálise: O começo perdido*<sup>55</sup> e em *Eles em mim*<sup>56</sup>.

À luz daquilo que propõe Winnicott, constatamos que a ideia de ambiente facilitador e a de *viver com*<sup>57</sup> são elementos fundamentais no processo de integração do sujeito como projeto e como unidade. E, para Henry, a vida comunitária antecede o nascimento da vida em nós.

Desta forma, ao observarmos os processos de desenvolvimento, principalmente das primeiras fases, é possível perceber que o provar-se a si mesmo só pode acontecer de maneira concomitante ao processo de provar o outro, muito presente no estágio no qual os objetos subjetivos que se estruturam como movimentos de falseamento do mundo fruto da inabilidade e

<sup>55</sup> HENRY, M. *Généalogie de la Psychanalyse: le commencement perdu*. Paris: PUF, 1985.

<sup>56</sup> HENRY, M. *Eux en moi: Une phénoménologie*. Porto: IPATIMUP, 2001.

<sup>57</sup> WINNICOTT, 2007.



não maturidade do *ego* em formação vão, gradativamente, tornando-se objetos transicionais e *objetos objetivos*<sup>58</sup>.

De modo particular, tal realidade pode ser observada na relação da criança com a mãe e no seu processo de transformação de *mãe-ambiente* para *mãe-objeto*. É nesta passagem e por meio do apoio do ego-auxiliar da mãe que a criança pode fazer a experiência de si, nas primeiras fases, principalmente na da onipotência absoluta. O provar-se a si mesmo não é um movimento isolado do ego; ele só se dá sob a forma de *co-pathos*, isto é, só é possível pensar em uma prova de si original e constitutiva se esta for feita sob a assistência de outros. A identidade, para se constituir, necessita e supõe a alteridade, de modo que não há imanência sem alteridade.

Desta forma, este provar-se afetivo e não material de si, como propõe Longneaux<sup>59</sup>, aparece na experiência humana sob a forma de gozo e sofrimento, mas também sob formas derivadas. Em textos como *Psicanálise do sentimento de culpa* e *O desenvolvimento da capacidade de se preocupar*, Winnicott<sup>60</sup> introduz conceitos importantes para entender como se dá o processo de prova de si nas primeiras fases do desenvolvimento.

Sobre o sentimento de preocupação, escreve Winnicott: “A preocupação surge na vida do bebê como uma experiência altamente sofisticada ao se unirem na mente do lactente a mãe-objeto e a mãe-ambiente”<sup>61</sup>, e continua: “usa-se descrever a origem da capacidade de se preocupar em termos de relacionamento com a mãe, quando aquele já é uma unidade estabelecida, e quando o lactente sente a mãe, ou figura materna, como uma pessoa completa”<sup>62</sup>.

Desta maneira, a preocupação desponta como um espaço interessante para se pensar os primeiros movimentos do provar-se a si mesmo no processo de desenvolvimento, pois é nela que existem alguns pontos importantes, como: em geral ela nasce antes da fase de triangulação edípica, fazendo com que a base da experiência seja eminentemente afetiva e constitutiva; e a relação com

---

<sup>58</sup> Winnicott, faz uma diferenciação entre dois tipos de objeto. Os objetos subjetivos, fruto da criação mental e da fantasia, e os objetos objetivos, que são aqueles que possuem uma realidade independente e, em geral, externa ao sujeito. Sobre este tema ver WINNICOTT, 1975.

<sup>59</sup> Ibid.

<sup>60</sup> WINNICOTT, 2007.

<sup>61</sup> Ibid., p. 72.

<sup>62</sup> Ibid., p. 70.





esta tonalidade afetiva está na base de todo ato de brincar e um trabalho construtivo, bem como na base da interação social e da experiência religiosa<sup>63</sup>.

Um outro elemento que pode contribuir no processo do entendimento do provar-se a si mesmo pode ser observado em um artigo de Winnicott intitulado *A capacidade de estar só*. Neste texto ele comenta:

Embora muitos tipos de experiência levem à formação da capacidade de ficar só, há um que é básico, e sem o qual a capacidade de ficar só não surge; essa experiência é a de ficar só, como lactente ou criança pequena, no colo da mãe.<sup>64</sup>

Essa passagem revela-nos uma condição fundamental do provar-se a si mesmo. É preciso, para que seja possível a constituição de um *self verdadeiro*, ou de um *corpo subjetivo encarnado*, a experiência de constituir-se como si mesmo apoiado e assistido por outros; em outras palavras, o *co-pathos* é a condição para o *épreuve de soi*, e por isso ele, o *co-pathos* ou *pathos avec*, muito mais do que um conceito ou dimensão, estado ou tonalidade afetiva, é um método que possui em sua constituição uma estética, pois é afetiva, e uma ética por não poder se constituir senão a partir de si mesmo, por auxílio de outros e na relação entre vivos. Tal realidade faz com que o núcleo da experiência de estar vivo na vida seja uma imanência inter-relacional que pode ser traduzida na clínica por meio do *holding* terapêutico do *ego* auxiliar.

A partir da fenomenologia da vida, o processo terapêutico e a figura do terapeuta se caracterizam como o *co-pathos* que permite ao paciente provar-se a si mesmo na vida e descobrir-se como corpo encarnado ou encarnação. Desta maneira, como comenta Galimberti,

O ser humano não é um ente no mundo, expressão aderente a todos os entes anônimos da natureza, mas é aquele ser originalmente aberto à compreensão do mundo (*In-der-Welt-sein*), sem o qual é impossível o nascimento da experiência e, portanto, o acontecimento de um sentido e significado de natureza “psicológica”<sup>65</sup>.

Esta compreensão do mundo não deve ser entendida em sentido gnosiológico apenas. Henry<sup>66</sup>, por meio da sua reflexão, nos ensina que compreender o mundo é afetar-se por ele, é prová-lo, de tal maneira que o processo terapêutico se desvela como a ambiência-metodologia na

<sup>63</sup> JAVERA, J. P. As experiências de perdão necessárias para a constituição humana: um diálogo entre a psicanálise winnicottiana e a teologia cristã. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 40, p. 73-83, jan./abr. 2016.

<sup>64</sup> WINNICOTT, 2007, p. 32.

<sup>65</sup> GALIMBERTI, 2008, p. 384.

<sup>66</sup> HENRY, 2011.



qual o sujeito, por meio do apoio de um ego-auxiliar que opera como um ambiente suficientemente bom, é capaz de contribuir para que o paciente em questão possa modificar ou reconstruir o seu modo de ser no mundo (*In-der-Welt-sein*). Nesse sentido, “é no processo da vida que o nosso viver se processa e esse processo é sempre um processo de transubstanciação do mundo a partir da transubstanciação do meu mundo”<sup>67</sup> ou, como chama Henry, corpopropriação.

Uma das consequências deste processo é que se deve passar de um modelo *explicativo-elucidativo* no qual o sofrimento psíquico é explicado como qualquer outro fenômeno da natureza para um modelo *compreensivo-constitutivo* de tal forma que o espaço psíquico vivido não seja apenas o da memória, da narrativa ou da recomposição, mas sim, o da expressão viva, da carne como intriga que se manifesta na qualidade de cada expressão, no sentido de cada gesto, na fisionomia de cada rosto. Tal realidade reaviva o chamado ético inerente a uma fenomenologia da vida na clínica.

## Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo pensar uma aproximação entre os pensamentos de Winnicott e Henry a partir da experiência constitutiva de *viver com*. Para isso, três objetivos foram considerados. Em resposta ao primeiro, em que se perguntou pelo conceito de saúde, foi possível notar que Winnicott oferece ao campo da psicologia um conceito mais amplo e desvinculado do binômico psicofisiológico de saúde e doença. Tal conceito, quando aproximado da categoria de prova de si, *épreuve de soi*, de Henry, pode oportunizar uma ampliação desta, pois ajuda a compreender que o processo de *provar-se* como vivo na vida, isto é, o processo de provar-se como carne, também implica constituir-se como pessoa saudável.

O segundo objetivo indagou o conceito winnicottiano de integração. À luz deste se percebe que, à medida que no processo de desenvolvimento a integração se produz, é possível notar que também se constitui um processo encarnatório e de ressonância imanente no qual a vida se instala sob a forma de subjetividade encarnada ou corpoapropriada, na expressão de Henry, ou de self verdadeiro na linguagem de Winnicott.

Entretanto, tal processo só pode ser feito por meio do apoio de um ego auxiliar que ora opera como ambiente facilitador, no caso da mãe-ambiente, ora como outro no mundo com o qual o sujeito vive com. Esta relação não só fundamenta e estrutura uma subjetividade ética e

---

<sup>67</sup> MARTINS, 2017, p. 89.



esteticamente constituída, como contribui para o entendimento do processo terapêutico e da figura do terapeuta como um ego auxiliar que colabora para o processo de integração da subjetividade do paciente como vida que prova a si mesma, na sua vida como com os outros.

Por sua vez, o terceiro objetivo se voltou para o conceito de dupla aparição. À luz deste conceito se pode notar que o processo das neuroses e o das psicoses, quando pensados em diálogo com a categoria de dupla aparição e de imanência, podem contribuir para o entendimento do próprio desenvolvimento humano, que, muito mais do que objetivo-fisiológico, é uma habitação na vida ou desalojamento nela.

Por fim, a aproximação entre Winnicott e Henry apresenta muitos pontos de enriquecimento que, paulatinamente, podem e serão ainda explorados. A título de exemplo, pensamos a relação entre o papel da arte e da cultura no pensamento de Henry e o papel do brincar, da criatividade e do processo terapêutico no pensamento de Winnicott, ou ainda o processo de constituição da barbárie como esquecimento da vida em Henry e da tirania como má formação nas fases originais de Winnicott, ou do mau uso de teorias que aplacam o fruir na vida. São temas para outras discussões e desenvolvimentos interdisciplinares.

## Referências

- ANTÚNEZ, A. E. A. *Perspectivas fenomenológicas em atendimentos clínicos: Humanologia*. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- DEPRAZ, N. La traduction de Leib, une crux Phaenomenologica. In: HUSSERL, E. *Sur l'intersubjectivité I*. Paris: Épipiméthée, 2001. p. 386-387.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- DIAS, E. O. *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.
- FIGUEIREDO, L. C. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FULGENCIO, L. Apontamentos para uma análise da influência do existencialismo moderno na obra de Winnicott. *Ciência e Cultura*, v. 67, n. 1, p. 36-39, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21800/2317-66602015000100013>
- FULGENCIO, L. *A psicanálise de Winnicott como uma teoria do desenvolvimento socioemocional do ser*. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.



- FULGENCIO, L. Pode a psicanálise de Winnicott ser a realização de um projeto de psicologia científica de orientação fenomenológica? *Psicologia USP* [online], v. 29, n. 2, p. 303-313, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420170048>. Acessado em: 13 jun. 2022. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-656420170048>.
- GALIMBERTI, U. *La casa di psique: Dalla psicoanalisi alla pratica filosofica*. Milano: Feltrinelli, 2008. Opere XVI.
- GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia da religião de Michel Henry: um estudo a partir da fenomenologia do nascimento. *Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea*, v. VIII, n. 1-2, 2020. ISSN 2282-4219.
- GOMÉZ, A. A. A. Freud y la filosofía: precedentes de una ambivalencia fundamental. *Revista Thémata*, n. 63, p. 174-202, 2021. ISSN: 0212-8365 e-ISSN: 2253-900X. DOI: 10.12795/themata.2021.i63.10.
- HENRY, M. *Généalogie de la psychanalyse: le commencement perdu*. Paris: PUF, 1985.
- HENRY, M. *Philosophie et phénoménologie du corps : Essai sur l'ontologie biranienne*. Paris: PUF, 1965.
- HENRY, M. *Phénoménologie matérielle*. Paris: PUF, 1990.
- HENRY, M. *Le cadavre indiscret*. Paris: Albin Michel, 1996.
- HENRY, M. *C'est moi la vérité : pour une philosophie du christianisme*. Paris: Seuil, 1996b.
- HENRY, M. *Incarnation: Une philosophie de la chair*. Paris: Seuil, 1998
- HENRY, M. Prefácio. In: MARTINS, F. *Recuperar humanismo: para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry*. Cascais: Principia, 2002.
- HENRY, M. *Eux en moi: Une phenomenologie*. Porto: IPATIMUP, 2001.
- HENRY, M. *Auto-donation, Prétentaine*. Paris: Beauchesne, 2004.
- HENRY, M. *L'essence de la manifestation*. Paris: PUF, 2011.
- HENRY, M. *Barbarie*. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HOBBS, T. *Leviathan*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- JAVERA, J. P. As experiências de perdão necessárias para a constituição humana: um diálogo entre a psicanálise winnicottiana e a teologia cristã. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 40, p. 73-83, jan./abr. 2016.
- KANT, I. *Antropologia do ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- LA METTRIE, J. O. *O homem máquina*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- LEFÈVRE, F. *O medicamento como mercadoria simbólica*. São Paulo: Cortez, 1991.



- LONGNEAUX, J. Approche phénoménologique, à partir de Michel Henry. *Jusqu'à la mort accompagner la vie*, 146, p. 41-51, 2021. Disponível em : <https://doi.org/10.3917/jalmalv.146.0041>
- MARTINS, F. *Estátuas de anjos: para uma fenomenologia da vida e da clínica*. Lisboa: Edições Colibri, 2017.
- MOUSTAKAS. C. *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage Editor, 1994.
- OLIVEIRA, A. L. *A afetividade fundamental: um diálogo entre Michel Henry e Donald Winnicott*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [www.teses.usp.br](http://www.teses.usp.br). Acessado em: 13 jun. 2022. doi:10.11606/T.47.2021.tde-12082021-165601.
- OLIVEIRA, A. L.; ANTÚNEZ, A. E. A. A fenomenologia dos afetos de Michel Henry como fundamento para o surgimento do espaço potencial de Donald Winnicott. In: ANTÚNEZ, A. E. A. (ed). *Cadernos 1: Círculo fenomenológico da vida e da clínica*. São Paulo: USP, 2018. p. 135-145.
- ROTHER, E. T. Revisão Narrativa X revisão Narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, V-VI, 2007. doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001
- SAFRA, G. A clínica em Winnicott. *Natureza Humana*, v. 1, n. 1, p. 91-101, 1999. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&tlng=pt). Acessado em: 13 jun. 2022.
- SANTOS, E. S. D. W. Winnicott: instigações a uma fenomenologia existencial. *Phenomenology: Selected Essays from Latin America Part 2*. 2007. p. 527-557. Disponível em: [https://doi.org/10.7761/9789738863316\\_9](https://doi.org/10.7761/9789738863316_9)
- WINNICOTT, W. D. *The maturational process and the facilitating environment*. London: Karnac Books, 1960.
- WINNICOTT, W. D. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, W. D. *Home is where we start from*. London: Penguin Books, 1986.
- WINNICOTT, W. D. *The psychology of madness: A contribution from psycho-analysis*. London: Karnac Books, 1989
- WINNICOTT, W. D. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- WINNICOTT, W. D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: WINNICOTT, D. W. (Org.). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 55-61.